

REFLEXÕES SOBRE O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE: NA BUSCA POR UM PENSAMENTO CRÍTICO

Milca Maria Cavalcanti de Paula ¹

RESUMO

O artigo registra de forma reflexiva o contexto histórico da educação ambiental no Brasil. Faz parte das leituras feitas durante a realização da disciplina Epistemologia Ecológica vivenciada no curso de Doutorado em Ensino oferecido pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) - Polo UFRPE. Utiliza-se a metodologia ensaística, pretende-se registrar conceitos e reflexões dos autores que compõem o referencial teórico. Busca-se realizar um diálogo escrito entre os autores: Left (1999), Leroy (2002), Lima (2003), Loureiro (2006), Orlandi (1996) e Carvalho (2001). O trabalho aborda a temática da Educação Ambiental crítica no momento em que muitas discussões aparecem sobre o desenvolvimento sustentável. É importante escrever e refletir também sobre o contexto mundial e os posicionamentos sobre educação ambiental apresentados hodiernamente para compreender quais são os desdobramentos e as possíveis interações que podem ser realizadas também no ambiente escolar. Destacam-se pontos importantes no trabalho, tais como a crise ambiental que interdita caminhos para o desenvolvimento humano, o desenvolvimento econômico baseado no capitalismo que enfraquece a sensibilidade ambiental nas pessoas e atinge um problema grave de dimensão planetária. Reflete-se ainda que em se tratando do ensino de ciências, observa-se a importância conferida ao desenvolvimento de uma compreensão crítica da ciência, da tecnologia e de seus impactos profundos na cultura, no ambiente e nos comportamentos humanos. Contrapondo-se a um viés meramente conteudista, apresenta-se um enfoque fundamentado na alfabetização científica e nas relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA). A partir dos enfoques, interpela-se acerca da complexidade dos cuidados com o meio ambiente, assunto atual e importante, que não se fecha em uma área de conhecimento, mas, ao contrário, abre-se como uma rosa com várias pétalas de conhecimentos. Neste trabalho busca-se fazer uma relação entre a educação ambiental com abordagem CTSA, com objetivo de promover o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes e professores.

Palavras-chave: Educação, Ensino, Educação Ambiental, Pensamento crítico

INTRODUÇÃO

A educação no geral tem raízes fundadas no modelo cartesiano, que leva a um rompimento das conexões entre as partes, seja entre o artístico/musical, o meio ambiente, o social e o cultural. Essa fragmentação já torna o movimento de trabalhar a educação ambiental nas escolas um grande desafio, pois procura envolver mudanças de paradigmas, mudanças de comportamentos e até de valores. A herança desse modelo de antropocentrismo (evidenciando o homem como o centro de todas as coisas), faz com que surja uma crise de percepção com relação ao meio ambiente, e também uma percepção mais ampla por parte dos estudantes em

¹ Mestre em Educação (UPE), Doutoranda em Ensino (RENOEN-Universidade Federal Rural de Pernambuco) – PE, milcanti@hotmail.com

observar mais o seu lugar., e muitas vezes o meio ambiente é visto apenas como um objeto do homem, prejudicando dessa forma o discurso e a compreensão sobre a educação ambiental.

Como uma provocação reflexiva pergunto-me, será que o cenário atual pede por novas ferramentas que sejam utilizáveis no processo de ensino e aprendizagem dos educandos? Será que a educação crítica e reflexiva não nos ajudaria a sensibilizar os estudantes a adotarem comportamentos amigos do ambiente? Sem ter respostas prontas, mas em busca delas sigo em minhas reflexões e escritas. Percebo como uma necessidade emergente para quem busca entender um campo de conhecimento é ter uma visão histórica, ainda que sucinta de como o debate, ou mesmo esse campo de conhecimento surgiu. Para tanto escolhi fazer um breve relato sobre as preocupações com a educação ambiental.

Nas leituras feitas em Guimarães (1995; 2013), encontramos registros de que a preocupação com as questões ambientais teve a suas gênesis a partir da revolução Industrial onde aumentou em grande escala o uso dos recursos naturais pela necessidade da produção. Então na década de 70 toda a problemática das questões ambientais ganhou maior destaque, até mesmo com o surgimento do movimento ambientalista, que deu reconhecimento à educação ambiental, inclusive como uma possível resposta aos graves problemas socioambientais (Guimarães, 1995).

Compreendo, pelas leituras que a educação ambiental é uma nova dimensão que surge da educação e que tenta trazer um enfoque nas mudanças comportamentais dos valores adquiridos e tenta favorecer uma quebra de paradigmas para quem sabe ajudar a repensar e reformular o sistema educacional. É notória a realidade escolar que sofre muito com o modelo cartesiano de ensino existente. Muitas vezes esse modelo educacional afeta também o discurso sobre educação ambiental que é também aceito como sinônimo de educação ecológica, e ou ações vistas como 'educação ambiental', mas que muitas vezes é considerado por alguns autores como 'adestramento ambiental', quando atividades são feitas nas escolas sem uma motivação concreta, sem embasamento teórico e sem se saber o porquê e até a importância de sua realização. Há uma necessidade de utilizar novas ferramentas auxiliares no processo de adquirir novos conhecimentos dentre eles os problemas socioambientais.

Em 1948 é que se tem a primeira referência ou registro da utilização do termo (EA) Educação ambiental. Que aconteceu em um evento da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN). Mas somente em 1970 é que a temática da Educação Ambiental foi realmente colocada na agenda internacional, na conferência de Estocolmo. Devido as catástrofes ambientais vigentes na época, como ocorreu com o acidente nuclear na Usina de Chernobyl (que contaminou muitos habitats, da fauna local e também pessoas. Esse

incidente/acidente serviu como um ‘ tiro de largada ’ para olhar para os assuntos de risco ambiental, e então crises sociais começaram a ser discutidas, segundo (Callenbach et al, 1993), Da mesma forma, Guimaraes (1995), registra que a educação ambiental se tornou importante, pois discute os conflitos existentes entre as questões sociais e ambientais, bem como discute a preocupação com o uso inadequado dos recursos naturais. Lima (1984) diz que a educação ambiental deve promover conhecimento a cerca dos problemas ligados ao ambiente, vinculando-os a uma visão global e trazendo uma visão do tipo de relação que o homem deve ter com a natureza.

Desta forma compreendemos a educação ambiental como sendo um campo de conhecimento que realmente direciona seu enfoque para que haja um equilíbrio entre o meio ambiente e a sociedade, visando assim mudanças de comportamentos e também mudança de valores no que diz respeito a relação apenas utilitária do homem com a natureza. Trazemos ainda a fala de Guimarães (1995), para finalizar esse pequeno relato histórico das gênesis da EA.

O ato de educar, baseado em preceitos ambientais, trata-se de levar o educando a confrontar e a questionar criticamente os diversos valores impostos pela sociedade. O educador ambiental auxilia o educando a construir seu conhecimento, e com base em sua realidade, criticar valores impostos pela cultura dominante, tornando-se não objeto da prática educativa, e sim, sujeito ativo (Guimarães, 1995, p.31).

A Educação Ambiental no Brasil veio se concretizando a partir dos anos 80, conta na Constituição Federal, (capítulo VI) conteúdo pertinente ao meio ambiente, e é constituído como competência atribuída ao poder público que tem a necessidade/dever de “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino” (art. 225, parágrafo 1, Inciso VI). Essa abertura dada para olhar para a EA, feita pela Constituição Federal vem favorecendo sua institucionalização diante a sociedade. Também a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) orienta que esta perspectiva de Educação seja realmente considerada como uma diretriz para os conteúdos curriculares do ensino fundamental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reforça nesse mesmo sentido. O Ministério da Educação e desporto (MEC) elaborou nos Parâmetros Curriculares (CNs) normativas e sugestões onde o meio ambiente (EA), é apresentado como tema transversal para ser usado em todo o currículo, aponta que deve ser tratado o tema da EA de forma articulada entre as diversas áreas do conhecimento, para que todas as vivências e práticas educativas criem uma visão global e bem abrangente da questão ambiental que se torna cada vez mais séria.

As leituras mostraram que em 1997, os ministérios: do Meio Ambiente; da Educação; das Ciências e Tecnologias e da Cultura, apresentaram junto com Programa nacional de Educação Ambiental (PRONEA), inclusive que foi revisado por uma consulta pública em 2005, princípios e linhas de ações que foram propostas para intensificar a implantação da EA na sociedade nacional brasileira. Já em 1999 foi outorgada a Política nacional de Educação Ambiental, onde registra no Art. 2º que:

“A educação é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.”.

Durante os anos 2000, o Ministério do Meio Ambiente começou implantando o Sistema Brasileiro de informações sobre a Educação Ambiental e Práticas Sustentáveis (SIBEA); também a formação de coletivos de educadores; também Municípios Sustentáveis juntamente com seus educadores ambientais populares. Também no MEC, houve o ‘Vamos cuidar do Brasil com as escolas’; também a formação das Com-Vidas nas escolas; as Conferências de Meio Ambiente que foram promovidas pelo órgão gestor ProNEA, dentre algumas outras louváveis iniciativas das instituições.

Com essas ações, movimento e atitudes percebe-se que a EA já é uma realidade, pelas quais as políticas públicas estão e precisam ser traçadas. Precisando, contudo, que esta institucionalização seja acompanhada com devido aprofundamento e visão crítica das discussões por parte dos educadores, no seu cotidiano e por parte da sociedade civil, para que essa se efetive como prática social que realmente ajude e possibilite o enfrentamento da grave crise socioambiental em que vivemos. Vejo a Educação Ambiental uma reflexão necessária, uma luta urgente, que deve ser falada, escrita e também cantada, trazendo a força da música para as fileiras das lutas ecológicas.

1. Educação Ambiental nas Escolas

Buscamos entender como se dá as interrelações entre a natureza, sociedade, política, cultura etc, tudo isso é um processo complexo, e como tais campos de conhecimento são analisados separadamente, acarretando na quebra entre algumas conexões, inibindo a concepção do todo e o contexto em que ocorrem os problemas socioambientais. Na citação de Layrargues (2009, p. 28) ele afirma que ... “Educação ambiental com compromisso social, é aquela que articula as discussões da relação entre o ser humano e a natureza inserida no contexto das relações sociais”.

Existe a dificuldade em visualizar as conexões entre questões sociais e ambientais causou uma crise de percepção no discurso da educação ambiental. O termo “ambiental” como

sinônimo de “ecológico”, resultou na ideia de que a Educação Ambiental trata somente assuntos relativos à ecologia. Porém a Educação Ambiental aborda dentre outros temas, os problemas existentes entre sistemas ecológicos e os meios sociais. Grun (1996, p.62) registra de forma afirmativa que deve existir discursos característicos da educação ambiental, como a consciência de transformação, de revolução e mudança, abandonando alguns vícios e costumes. Ele afirma que “a educação ambiental surge hoje como uma necessidade quase inquestionável, pelo fato de que não existe meio ambiente na educação moderna”, pois o processo educativo ocorre paralelo ao meio ambiente, não juntos. Essa relação muitas vezes isolada do homem com o meio é devida ao antropocentrismo, o autor Grun (2007, p. 44), define como: “o homem é considerado o centro de tudo e todas as demais coisas no universo existem única e exclusivamente em função dele”, isto dá uma falsa ideia de que o homem está (aqui) e o meio ambiente (lá), o que resulta na sua autonomia perante a natureza, tornando-a objeto de uso exclusivo do homem. Esta crise de percepção quanto ao termo Educação Ambiental, pode acarretar em um - adestramento ambiental -, ações voltadas para a melhoria do meio ambiente, mas sem a motivação do porque realizar tais ações. Sabe-se que não se pode culpar as escolas pela atual crise ecológica, mas é preciso levar em consideração que seus agentes mantêm tal modelo operando. A educação ambiental possui compromisso social e pode contribuir, modificando a relação antropocêntrica entre a sociedade e o meio ambiente, e uma ferramenta que pode ajudar é a reflexão crítica.

Os problemas urgentes advindos da degradação ambiental apontam para uma grande necessidade de mudança e tem exigido, ações educacionais que, de fato, possam mudar esta triste realidade, é preciso fazer algo antes que seja tarde demais. Quando pensamos no aspecto mais negligenciado do meio ambiente, observamos as comunidades de determinados países sofrendo com toda a devastação que acontece atualmente no planeta. Ao observar e sofrer de perto com a situação de enchentes e desabamentos de barreiras em minha cidade, decidi unir minha linha de pesquisa com ações práticas de conscientização da nova geração de pessoas (alunos atuais) que estão nas escolas e que sofrem e ao mesmo tempo contribuem com a contínua poluição do seu próprio lugar de moradia.

Estamos vendo nossa comunidade, nossos ambientes cada vez mais insalubres. Quando inserida no curso do doutorado cada vez mais a situação foi me inquietando. Até culminar no desejo de ser uma voz visível através da escrita e que está escrita, possa ajudar a transformar “nosso lugar”.

Nas leituras e pesquisa durante o curso do doutorado busca-se entender e registrar ações afirmativas e de sensibilização das pessoas para os problemas recorrentes na própria

comunidade. A educação ambiental tem sido uma das principais formas de promover a conscientização das pessoas sobre a temática e também estimular na mudança de comportamento em relação ao meio ambiente. No entanto, a forma como essa educação é transmitida nem sempre é eficaz.

Apoiando-a também nos trabalhos de Tim Ingold (2006), antropólogo e teórico da ecologia que tem contribuído significativamente para o pensamento ecológico contemporâneo. Seu trabalho se baseia na ideia de que a ecologia não pode ser compreendida de forma desassociada da cultura e da história humana, e que o mundo natural e o mundo social estão intrinsecamente interconectados.

Entre as bases norteadoras do pensamento ecológico evocadas por Tim Ingold, podemos destacar:

1. Antropologia da paisagem: Ingold argumenta que a paisagem não é apenas um cenário passivo para a vida humana, mas sim um espaço que é construído e moldado pelas práticas humanas. Ele usa a noção de "linhas" para descrever como as ações humanas, como caminhar, caçar ou cultivar, criar trilhas e caminhos que moldam a paisagem;

2. Materialidade e corporeidade: Ingold enfatiza a importância da materialidade e corporeidade na compreensão ecológica do mundo. Ele argumenta que nossos sentidos e nosso conhecimento do mundo são construídos a partir de nossas experiências corpóreas e que o conhecimento ecológico é construído a partir da interação entre o corpo humano e o ambiente natural.

3. Ecologia da vida: Ingold argumenta que a ecologia não é apenas sobre a relação entre organismos e seu ambiente físico, mas também sobre as relações entre seres vivos. Ele enfatiza a importância das emoções entre humanos e outras espécies, bem como a importância da diversidade ecológica.

4. Abordagem transdisciplinar: Ingold acredita que a ecologia deve ser abordada de forma transdisciplinar, incorporando ideias e perspectivas de áreas como a biologia, a geografia, a antropologia e a filosofia e outras.

Em resumo, as bases norteadoras do pensamento ecológico evocadas por Tim Ingold (2015) enfatizam a importância de compreender a ecologia como um sistema interconectado que inclui tanto os seres humanos quanto a natureza, e que essa compreensão só pode ser alcançada por meio de uma abordagem transdisciplinar que valoriza a materialidade, corporeidade e diversidade ecológica.

Pode-se observar esses princípios, com possibilidade de serem utilizados durante nossa pesquisa com o enfoque de promover a consciência do indivíduo, como forma de conduzir as pessoas a se sentirem vivas e integradas a elas mesmas, primeiramente, aos outros homens, em

seguida, e, por fim, ao meio em que vivem, a fim de perceberem e analisarem criticamente as condições ambientais em sua volta, numa postura de respeito ao meio ambiente. Neste percurso, é possível criar, nutrir e educar comunidades sustentáveis, onde todos podem obter a satisfação de suas necessidades, levando em conta as futuras gerações.

É preciso construir e da mesma forma buscar preservar os pensamentos ecológicos, advindos da organização de viveis de consciência e também de responsabilidade com o nosso planeta. Precisa-se forjar nos novos alunos(pessoas) capazes, seres cuidadores e restauradores dos diversos ambientes aos quais fazemos parte. Entende-se que a ecologia pode reconhecer o valor intrínseco em todos dos seres vivos e também concebe os seres humanos apenas com um pequeno fio particular da grande teia da vida, afastando-se de uma visão antropocêntrica, em direção a uma visão colaborativa, onde todos são igualmente importantes. E desta madeira, a única forma de superar a crise ambiental e criar condições mais saudáveis da vida na terra é na organização baseando na estruturação da natureza e de seus ciclos.

Aqui também, aponta-se para a ineficiência da formação apenas conteudista das escolas, em direção à formação que contemple os eixos da alfabetização científica (Sasseron; Carvalho, 2011). A ecologia sonora também de fato pode nos levar a entender que, assim como a natureza organiza suas paisagens, também o homem pode se voltar as suas origens ancestrais, observando-se e entendendo-se enquanto um fio na teia da vida, encontrando-se naquelas paisagens naturais.

A história da Educação Ambiental no Brasil ainda é jovem. Se a considerarmos a partir da Constituição federal de 1988 serão apenas trinta e três anos, em 2021, da apresentação de posicionamentos mais explícitos sobre a Educação Ambiental.

E o que são trinta e três anos na História da humanidade ou na História do Brasil? Quase nada. E o que são trinta e três anos de degradação? Para o nível e velocidade de devastação que alcançamos, esse tempo significa muito. Nossa sociedade se modificou muito ao longo desses pouco mais de trinta anos. O avanço tecnológico foi muito expressivo. Entramos numa era global com grande fluxo de interação e troca graças à internet e as redes sociais. Porém estes recursos só nos têm aproximado nas redes. Cada vez mais e mais a evolução tecnológica permite avanços na produção e exploração, contudo tais avanços não promoveram deleite e igualdade entre as pessoas, ao contrário, só agravaram a separação.

Infelizmente a Educação ambiental predominante em nossa história nos ensinou que os problemas são ambientais, e nesses termos parece que não são problemas nossos ou vindos de nós. Os primeiros olhares em prol da defesa da natureza foram movidos pela intenção rasa de preservar para que o homem não corresse o risco de restrição, submetendo a natureza a seu

interesse sem de fato pensar de forma aprofundada e crítica sobre o tema, analisando apenas determinadas ações antrópicas degradantes em casos específicos e localizados.

Um olhar diferenciado para a questão ambiental só ocorreu quando os problemas ecológicos passaram ao nível global. Ou seja, só no século XX algumas reflexões passam a ser feitas justamente porque começa a ficar aparente a insustentabilidade auto expansiva do sistema capitalista. Mas ainda assim a proposta educacional consistiu em apenas ampliar as discussões sobre a temática ambiental propondo meios de pensar sobre como frear a devastação ambiental sem indesejáveis prejuízos econômicos para países industrializados ou em processo de industrialização.

2. Educação ambiental crítica

Não há uma crítica sobre a totalidade em torno desse cidadão oprimido pelo sistema. Não se critica a sociedade industrial ou o espírito do capitalismo. Ao contrário, posiciona-se a culpa do desgaste ambiental sobre os povos pobres. Nesse olhar descabido e negligente da situação, o grande peso da devastação causada pelas grandes empresas capitalistas é negligenciado.

A devastação ambiental causada por ações exploratórias de grandes empresas em países pobres não é citada. Não é reconhecido que as grandes potências caminham a partir da exploração e manutenção da pobreza de outros países. Tal fato muito nos mostra sobre o ideário que regeu a estrutura inicial da educação ambiental que conhecemos.

Há assim, no cotidiano escolar a presença da Educação Ambiental e consenso sobre sua importância, dificilmente uma escola declarará não ter Educação Ambiental. As pessoas em grande maioria reconhecem sim a gravidade dos problemas ambientais. Temos sim diversas iniciativas populares e privadas em prol da causa ambiental. Em comparação com décadas passadas podemos sim afirmar que a Educação Ambiental se tornou mais popular na sociedade. Porém, a grande questão é que a sociedade atual não degrada menos o meio ambiente do que em décadas passadas. Paradoxalmente hoje a degradação é maior.

Essa incoerência é o que nos move a refletir sobre a necessidade de compreender que existem propostas diferentes de Educação Ambiental. E defender outro tipo de educação ambiental.

Já os críticos querem mudanças, revelam as relações de poder na sociedade, apontam a dominação do ser humano e da natureza, almejam ações humanas que transformem a sociedade em direção ao equilíbrio socioambiental (Guimarães, 2013, p.16).

A Educação Ambiental Crítica é bem mais complexa e exige diálogo, reflexão, movimento e ação. Seguir a vertente crítica não é tarefa simples e exige fôlego para ir fundo em questões que questionam todo o sistema posto.

[...] a EA (Crítica) pode ser compreendida como uma filosofia da educação que busca reorientar as premissas do pensar e do agir humano, na perspectiva de transformação das situações concretas e limitantes de melhores condições de vida dos sujeitos – o que implica mudança cultural e social. (Loureiro; Torres, 2019)

A sociedade atual, regida pelo insano e insaciável capitalismo é insustentável para o planeta e é cruel com a camada da população mais carente que sofre de forma mais intensa com os resultados catastróficos da devastação do meio ambiente. De forma inescrupulosa vemos um cenário construído por anos e anos, sempre voltado a estabilizar conflitos que gerariam desconforto entre agentes poderosos que não querem assumir a culpa de nada.

Acsegrad, Mello e Bezerra entendem que a verdade é que “[...] é possível constatar que sobre os mais pobres e os grupos étnicos desprovidos de poder recai, desproporcionalmente, a maior parte dos riscos ambientais socialmente induzidos, seja no processo de extração dos recursos naturais, seja na disposição de resíduos no ambiente.” (2009, p.12)

Na história mundial e brasileira vemos imperar o esforço teórico de tornar compatível a questão ambiental e o ideal desenvolvimentista e economicista. Quando se consolida o pensamento neoliberal em escala global também se constitui a defesa de que a resolução para os problemas ambientais se encontraria nas estratégias neoliberais de modernização ecológica. Desta forma, talvez possamos pensar sobre os motivos que levaram a anos de movimentos em prol da causa ambiental, anos de educação ambiental, não terem sido completamente suficientes para de fato resolver a grave agressão ambiental.

A Educação Ambiental Crítica justamente se torna uma nova tentativa ao não mais encobrir as injustiças sociais. Por meio dela podemos pensar a questão ambiental articulada com lutas por justiça social. Podemos refletir sobre nossa real contribuição para os problemas que assolam o planeta e nossa qualidade de vida. Na Educação Ambiental Crítica podemos levantar a reflexão ambiental alinhada a outros debates contemporâneos como faz Joan Martinez Alier em seu livro *Ecologismo dos Pobres* (2018) e perceber nas minorias atitudes ambientais mais adequadas do que as realizadas pela camada rica da população.

Novos diálogos são necessários, novas formas de se posicionar como cidadão do mundo também. A educação que faz sentido é aquela que nos permite a liberdade ante a dominante opressão, como propõe Paulo Freire. Desvelar as contradições e conflito da relação do homem com o meio ambiente é fundamental para a promoção da educação ambiental e cidadã.

A Educação Ambiental Crítica se constrói com relações dialógicas profundas sobre as questões ambientais e os fatores sociais que a circundam. A dialogicidade contempla a visão de mundo do aluno e educador sem hierarquia, a percepção de realidade dos sujeitos pode ser objeto de reflexão e análise de ambos. A educação ambiental aqui almejada, aquela que pode trazer mudanças significativas, novas posturas, deve propor ações carregadas de sentido e de significado que torna os sujeitos centro do processo de aprendizagem por formas coletivas de agir, conhecer a realidade para transformá-la.

A conjuntura política no Brasil atual está montada para que nada seja mudado com relação à devastação ambiental, ao contrário, posturas, discursos e ações do governo sobre o meio ambiente tem agravado o problema. Uma educação neutra sem criticidade pouco colabora nesse cenário.

Para que mudanças efetivas aconteçam a Educação ambiental tem que ir além e quebrar o paradigma arquitetado e dominante que a torna ferramenta da injustiça ambiental, ferramenta da falta de conhecimento íntegro sobre tudo que perpassa o meio ambiente, nossa sociedade e nossas vidas.

Mesmo diante dos desafios de fugir do pensamento tradicional, a Educação Ambiental Crítica precisa ser considerada e defendida por aqueles que esperam mudanças. Mudanças de pensamentos e ações. Não se trata de empregar um olhar utópico sobre a Educação Ambiental Crítica, mas sim a confiança de seguir por caminhos mais justos, mais conscientes e honestos. Com bons homens e mulheres dispostos a aprender e a agir, mesmo que nas pequenas coisas, como alunos e professores das nossas escolas.

Quais são os objetivos da educação ambiental crítica?

O objetivo principal é evidenciar a relevância da formação continuada dos professores, que atuam com educação ambiental, para que desenvolvam uma práxis de ensino significativa e comprometida com a temática.

São princípios básicos da Educação Ambiental:

- I – Enfoque humanista, holístico, democrático e participativo.
- II – Concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade.

Reflexões (não finais), mas em reformulação

Por que é importante trabalhar a educação ambiental crítica?

A educação ambiental tem um papel muito importante, porque forma cidadãos mais participativos em assuntos relacionados às questões de responsabilidade socioambiental, como

a preservação dos mananciais, da mata ciliar, o descarte correto do lixo e também quanto à prestação dos serviços públicos básicos.

Na Educação Ambiental Crítica (EAC) é necessário ter, como ponto de partida, a leitura e concepções que os sujeitos apresentam sobre o seu meio ambiente antes de se construir uma proposta educativa.

Com esperança de melhorias e mudanças, com trabalho de debate, reflexão e conscientização sobre a importância da educação ambiental nos colocamos na fileira dos que lutam por uma educação de qualidade, e nela, nessa escola busca-se ter a inclusão da educação ambiental, pois de fato é urgente.

REFERENCIAS:

ACSELRAD, Henri; MELO, Cecilia Campelo; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.

CALLENBACH, E., et al. **Gerenciamento Ecológico – Eco-Management** – Guia do Instituto Elmwood de Auditoria Ecológica e Negócios Sustentáveis. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papyrus, 1995. 107 p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GUIMARÃES, J. de M. M. **Formação docente em tempos de crise ambiental: problematizações epistemológicas**. 2013. 183 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2013.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papyrus, 1996. 120 p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

INGOLD, T. Anthropology beyond humanity. Suomen Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society, Finland, v.38, n.3, p.5-23, 2013

INGOLD, T. **Sobre a distinção entre evolução e história**. Revista Antropolítica, n. 20, p. 17-36, 1 sem. 2006.

LAYRARGUES, P. P. **Educação ambiental com compromisso social: o desafio da superação das desigualdades**. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). Repensar a educação ambiental um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009. p. 11-31

LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.



MARTÍNEZ ALIER, Joana. **O ecologismo dos pobres**. 4a ed., ampliada. Conflitos ambientais e linguagens de valorização. Lima: Espiritrompa Edições, 2010. 416 pp. ISBN: 978-612-45727-0-8.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. **Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica**. Investigações em Ensino de Ciências, v.16(1), pp. 59-77, 2011.